

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE

Filosofia

4º ano

EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1994/95

378(05)
Gui
46

FACULDADE DE LETRAS

Universidade do Porto



GUIA DO ESTUDANTE

XV

378(05)
Gui.

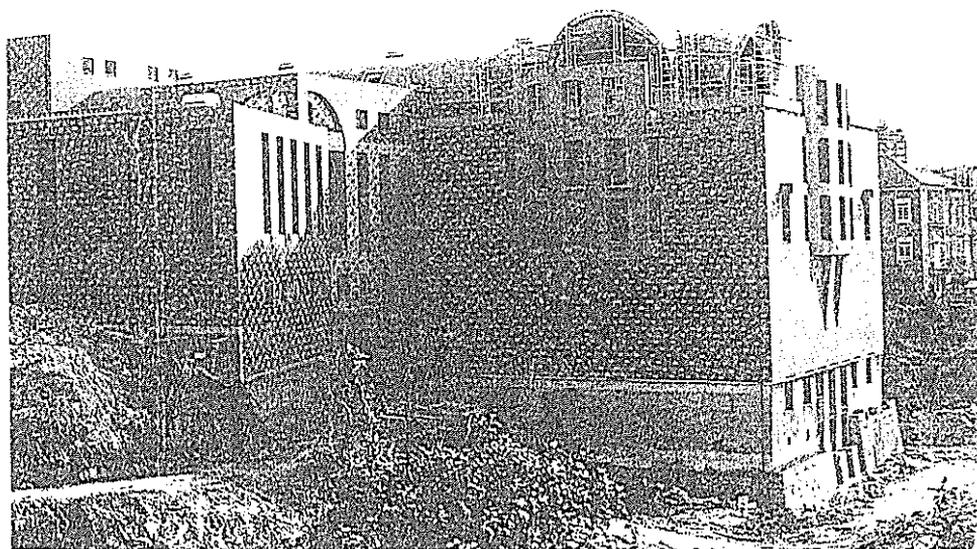
**EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO
1994/95**

Guia do Estudante da FLUP.FIL: 4º Ano
Vol.15, 1994-95
Publicação Anual

Dactilografia: Margarida Santos
Execução e Impressão: Oficina Gráfica
Tiragem: 150 exemplares

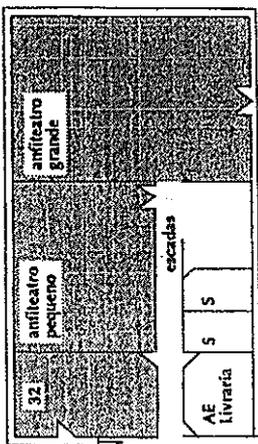


FLUP — Actuais instalações



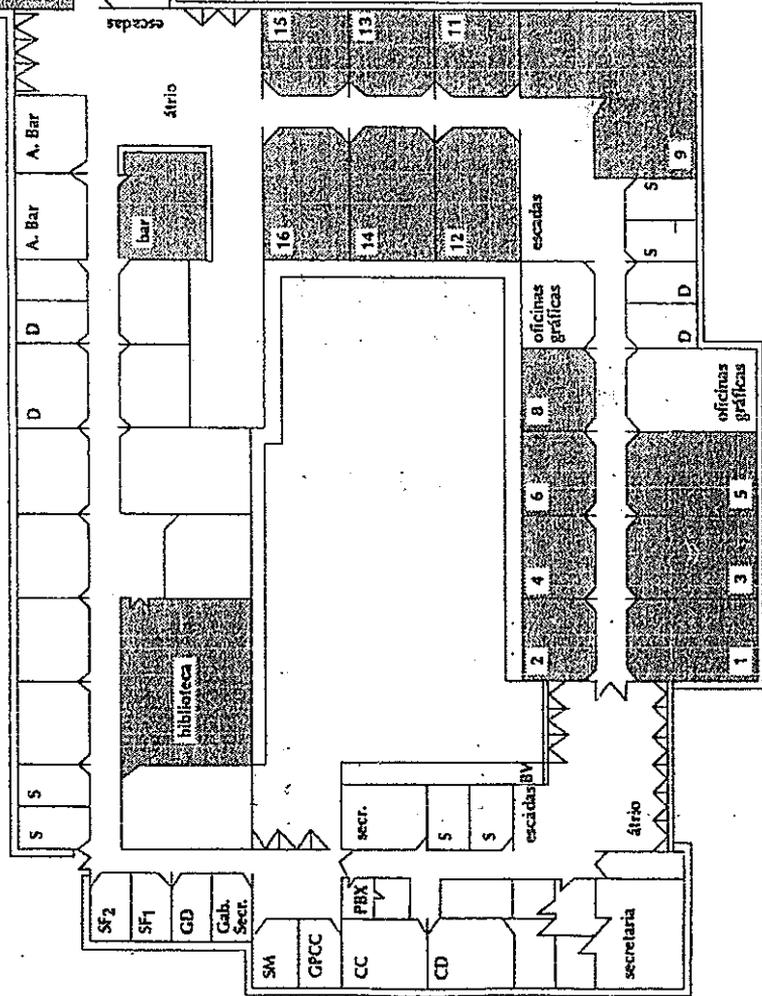
FLUP — Próximas instalações

EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO

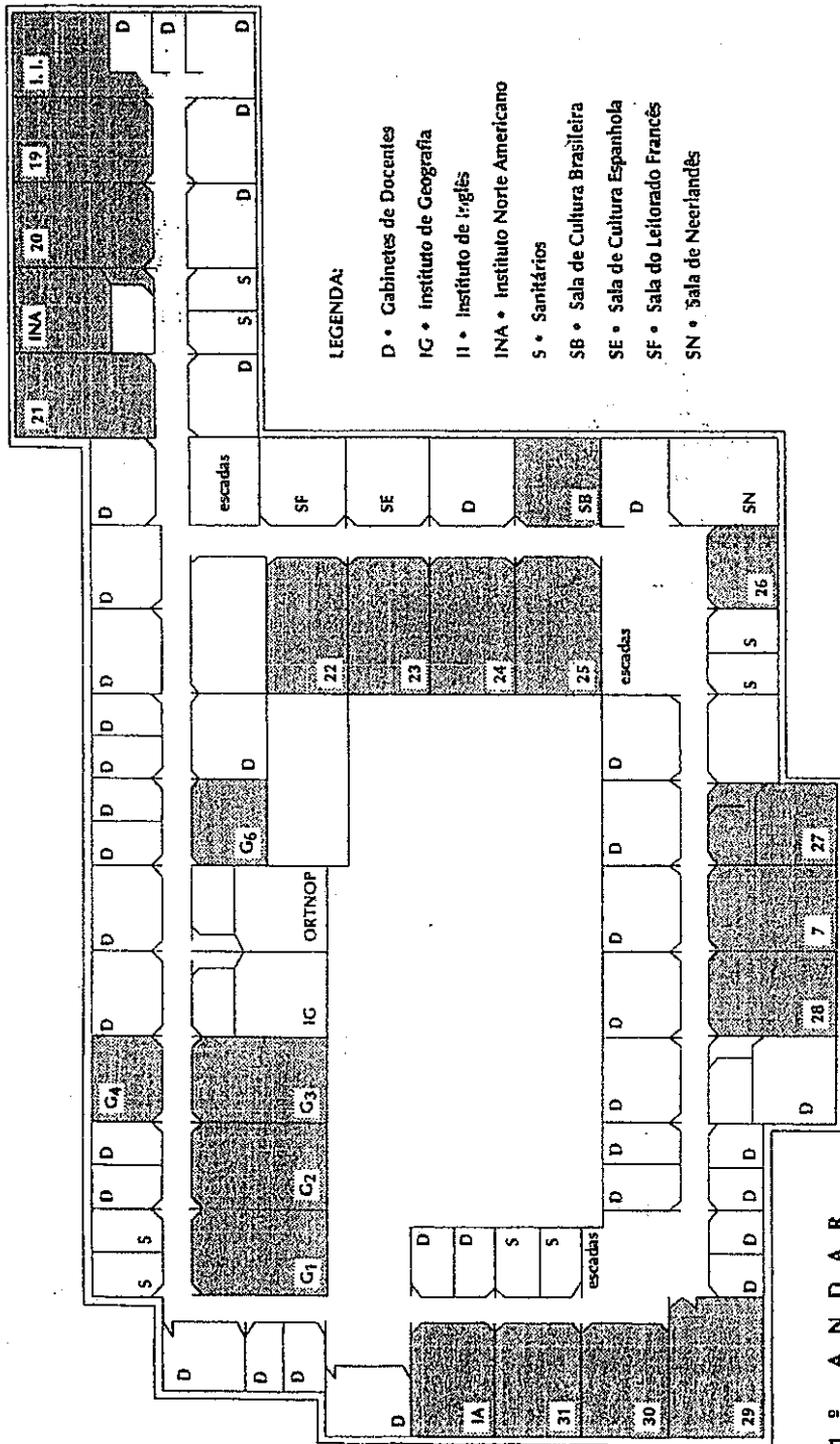


LEGENDA:

- A Bar • Armazém Bar
- BV • Balcão de Vendas
- CC • Conselho Científico
- CD • Conselho de Directivo
- D • Gabinetes de Docentes
- G. Bar • Gabinete-Bar
- GD • Gabinete de Dactilografia
- GFCC • Gab. Presidente Cons. Científico
- S • Sanitários
- SF1 • Sala das Funcionárias
- SF2 • Sala dos Funcionários
- S.M • Sala de Microcomputação

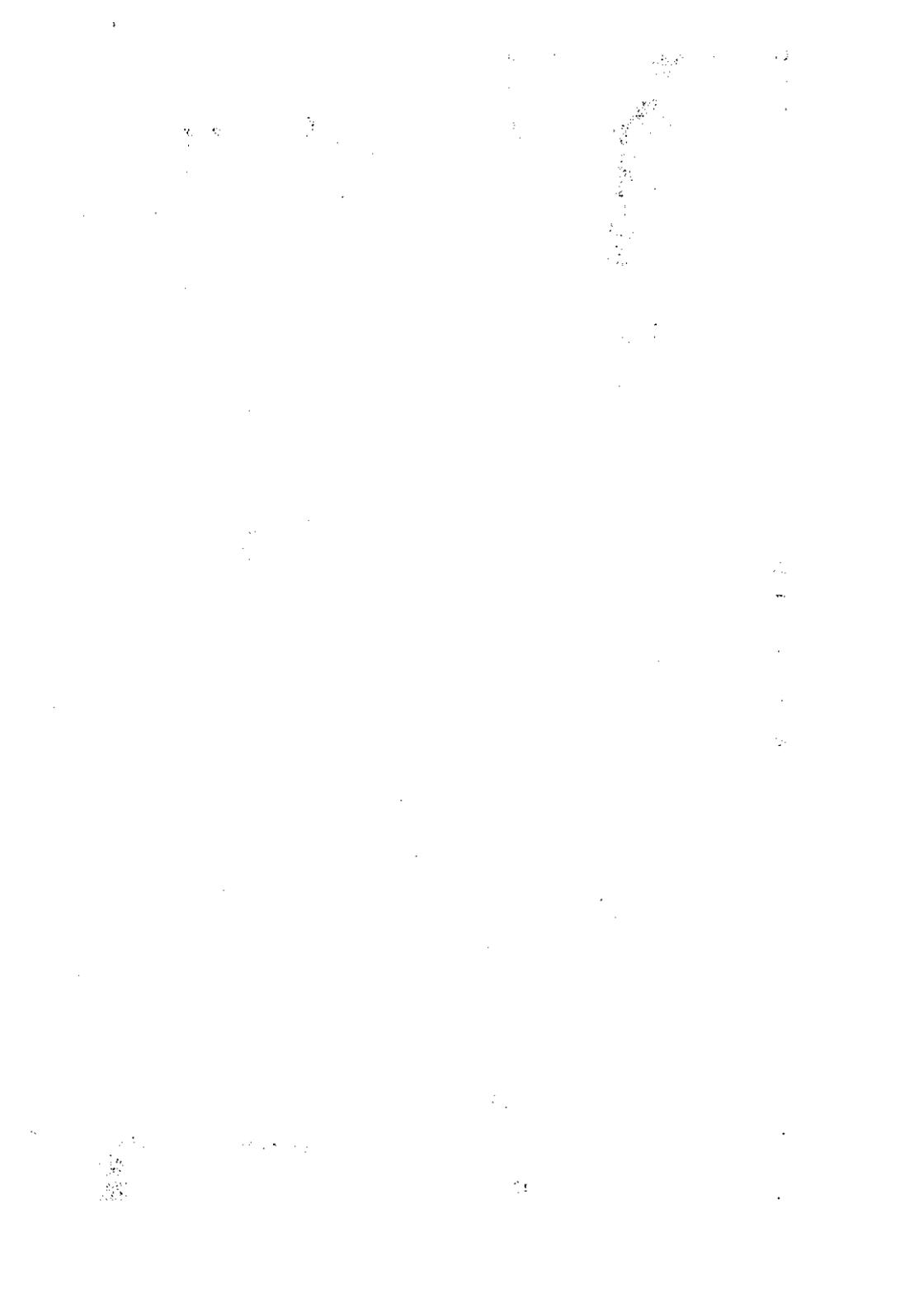


EDIFÍCIO PRINCIPAL DA FACULDADE DE LETRAS • PORTO



LEGENDA:

- D • Cabines de Docentes
- IG • Instituto de Geografia
- II • Instituto de Inglês
- INA • Instituto Norte-Americano
- S • Sanitários
- SB • Sala de Cultura Brasileira
- SE • Sala de Cultura Espanhola
- SF • Sala do Letorado Francês
- SN • Sala de Neerlandês



INTRODUÇÃO

GUIA DO ESTUDANTE

INTRODUÇÃO

O estudante que, pela primeira vez, frequenta algum dos cursos ministrados na FLUP carece de um conjunto mínimo de informações que o situe na Escola e na realidade nova que para ele certamente significa a entrada na Universidade. Mas também os outros, aqueles que conhecem há um ou mais anos os corredores e as salas de aula desta Casa, necessitam de indicações actualizadas sobre programas, bibliografia, temas, normas de avaliação, calendário, etc.

Por isso, continuando uma tradição que remonta a 1980/81, o Conselho Directivo coloca à disposição dos alunos o Guia do Estudante que vai já na sua 15^a edição.

O passado tem mostrado a enorme utilidade desta publicação. Oxalá a presente edição continue a prestar os relevantes serviços de sempre e que, para além disso, possa constituir um sinal da vitalidade e do imenso labor desenvolvido nesta Faculdade.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1994

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRECTIVO

ÓRGÃOS DE GESTÃO DA FACULDADE

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo
Conselho Consultivo.

SERVICOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.
Horário normal de abertura ao público:
de 2ª a 6ª feira: 14H00 - 16H30
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Horário de atendimento:
de 2ª a 6ª feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C - Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os utilizadores devem possuir o cartão de leitor, o qual deverá ser revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);
na Sala de Obras de Referência (livre acesso);
- b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- c) Cardex (Publicações Periódicas)
- d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos)
- e) Bases de dados locais.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), e nas bases de dados locais, pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura: (Excepto nos períodos de férias)

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

4. Leitura de presença

4.1. Obras em depósito.

4.1.1. Para a leitura de presença, o leitor só pode requisitar 3 obras de cada vez.

4.2. Obras em livre acesso (Sala de leitura e de Referência)

4.2.1. A estas obras poderá o leitor aceder directamente, ficando estabelecido que não deverá voltar a colocá-las nas estantes, mas num local designado para esse efeito.

5. Leitura domiciliária

5.1. Podem ser requisitadas 3 obras diferentes simultaneamente.

5.2. O empréstimo de obras para leitura domiciliária processa-se entre as 14h e as 18h e a sua devolução deverá ocorrer impreterivelmente 48 horas depois de terem sido requisitadas.

5.3. As requisições das mesmas obras podem ser renovadas, quando não haja prejuízo para outros leitores.

6. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

7. Estão disponíveis para pesquisa em CD-ROM diversas bases de dados cuja utilização obedece a um regulamento afixado na Biblioteca.

8. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico (Semestral), 1979 ss.

Núcleo de Teses Existentes na Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo I", Porto, 1989.

Trabalhos de Docentes da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo II", Porto, 1989.

Núcleo das Obras que constituem o Fundo Ultramarino da Biblioteca Central da F.L.U.P., "Boletim Bibliográfico - Anexo III", Porto, 1990.

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Norte-Americanos, "Boletim Bibliográfico - Anexo IV", Porto, 1990.

Bibliografia Temática:

- 1- "Biblioteconomia e Documentação", 1989.
- 2- "Educação, Pedagogia, Didáctica", 1989.
- 3- "Biblioteconomia, Documentação, Arquivística", 1989.
- 4- Biblioteconomia. Documentação. Arquivística, 1991.
- 5- Literatura Medieval. Cultura Medieval, 1992.
- 6- Sociologia, 1992

Boletim de Sumários, 1988 ss.

Reservados da Biblioteca Central, 1ª ed., 1989; 2ª ed., 1990

Núcleo Documental do Instituto de Estudos Ingleses, Porto, 1991

Dissertações Académicas, Porto, 1992

Núcleo Documental da Sala Brasileira, Porto, 1992

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e

Centros de Investigação:

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

" de Ciências da Educação

" de Estudos Franceses

Sala Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna

" de História Medieval

Centro de História

" de Linguística

" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

D - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H30

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:

2ª a 6ª feira: 8H30 - 19H00

Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:

2ª a 6ª feira - 7H30 - 23H00

Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

História (Variante Arte) .

História (Variante Arqueologia)

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3º, 4º e 5º anos).

b) Tradução

C - Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados:

História Medieval

História Moderna

História Contemporânea

História da Arte

Arqueologia

História da Cultura Portuguesa (Época Moderna)

Filosofia do Conhecimento

Filosofia Medieval

Filosofia da Educação

Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas

Estudos Anglo-Americanos
Linguística Portuguesa Descritiva
Geografia
Sociologia

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Opção "Bibliotecas e Documentação"; Opção "Arquivos"

c) Curso de Pós-Graduação em Museologia.

D - Curso de Português para Estrangeiros.

E - Cursos de Formação Contínua de Professores.

F - Actividades de extensão cultural - O Ciclo de Conferências promovidas pelo Conselho Directivo no ano lectivo anterior, terá continuidade no presente ano lectivo. Foi já publicado o texto da 1ª Conferência, proferida em 31 de Março de 1993: SOVERAL, Eduardo Abranches de, Meditação Heideggeriana, Conferências da FLUP, Ed. do Conselho Directivo, 1993

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório (Port. 850/87):

1º ano:

a) os alunos que concluem a licenciatura (plano de estudos antigo) têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

b) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação a Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa a Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro e de Dezembro só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

2. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios, encontra-se publicado na Port. 659/88, de 29 de Setembro.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

III - Informa-se que a Unidade de Apoio aos Alunos Deficientes (UAAD), da Pró-Reitoria da Universidade (Acção Social Universitária e Assistência Médica), presta apoio psico-social e médico-pedagógico aos estudantes invisuais. Neste âmbito a UAAD promove também a passagem de textos de apoio em Braille, com a colaboração da Associação de Cegos do Norte de Portugal.

No que concerne a aquisição do material específico, por parte destes alunos, dispõem os mesmos de cassetes, a preço mais acessível, no Centro de Documentação e de material didáctico dos Serviços Sociais da Universidade do Porto (SSUP).

Mais se informa que a Pró-Reitoria aguarda uma resposta da Biblioteca Pública Municipal do Porto, sobre uma proposta de colaboração para a gravação de textos de estudantes invisuais da Universidade do Porto.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):
- a) Os alunos interessados nestes cursos poderão optar pelo curso de tradução em Inglês-Português, de Francês-Português ou de Alemão-Português.
 - b) Serão candidatos à admissão nestes cursos, os alunos inscritos no 2º ano, que reúnem as condições de transição para o 3º ano do respectivo curso.
 - c) Os candidatos serão seleccionados de acordo com as médias obtidas nos dois primeiros anos do curso.

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.
2. Mudança de variante em LLM: os pedidos dos alunos da FLUP só podem ser considerados depois de terem completado todas as disciplinas do 1º ano em que se inscreveram.
3. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.
2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 4/Julho/94)

No desempenho das funções que lhe competem segundo os Estatutos da Universidade do Porto e os Estatutos da Faculdade de Letras e de acordo com a legislação em vigor, o Conselho Pedagógico aprovou as Normas de Avaliação de Conhecimentos para o ano lectivo de 1994-1995.

Estas normas pretendem corresponder a uma renovação das normas até agora vigentes.

Embora a muitos pareça necessária uma remodelação profunda destas normas, o Conselho Pedagógico optou por uma reformulação que mantivesse a estrutura global do método de avaliação, uma vez que o projecto de reestruturação dos cursos ainda não entrou em funcionamento. Todavia, pareceu-nos urgente simplificar e clarificar as normas de avaliação, já que elas, com os sucessivos ajustamentos que têm sofrido, se têm revelado demasiado complexas, com uma formulação confusa, repetitiva e, por vezes, contraditória.

A. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 1º - Caracterização das modalidades de avaliação

1. Admitem-se as seguintes modalidades de avaliação:

- a. Avaliação contínua.
- b. Avaliação periódica.
- c. Avaliação final.

2. Nos termos do artigo 18º é permitida a combinação, numa mesma cadeira, da modalidade de avaliação contínua com uma das outras modalidades de avaliação, prevalecendo, dentro de cada uma dessas formas de avaliação, as normas respectivas.

3. Poderão existir, em alternativa ou em combinação com outras modalidades, trabalhos de investigação ou de campo obrigatórios, definidos nos termos dos artigos 2º, 16º, 17º e 18º.

Artº 2º - Definição inicial da avaliação e sua apresentação

1. No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina, o docente deve comunicar o plano de avaliação e dialogar com os alunos acerca dos seus diferentes aspectos, explicitando:

- a) objectivos pedagógico-didácticos;
- b) modalidades de avaliação, com referência à existência ou não de avaliação contínua e à forma como, dentro dos limites impostos nestas normas, esta poderá ser combinada com outras modalidades;
- c) existência ou não de trabalhos de investigação obrigatórios e/ou facultativos;
- d) os índices e critérios de ponderação de cada uma das componentes de avaliação (testes, trabalhos de investigação, trabalhos de campo, participação nas aulas teóricas e práticas).
- e) o número e o tipo de testes mínimo para as disciplinas em modalidade de avaliação contínua.

2. O estipulado no ponto 1. deve obrigatoriamente ser registado pelo docente no livro de sumários, até ao fim do primeiro mês de aulas.

3. O plano de avaliação terá em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina e conteúdos a leccionar.

4. Todos os alunos devem tomar conhecimento desde o início do ano lectivo do plano de avaliação de cada uma das disciplinas em que estão inscritos. Em caso algum poderão invocar desconhecimento desse plano nos momentos de avaliação.

B. AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 3 - Tipos de provas

1. A modalidade de avaliação contínua terá um número de provas mínimo a definir pelo docente no início do ano lectivo e em correlação directa com as matérias a leccionar. Estas devem ser distribuídas regularmente, consistindo na realização complementar ou em alternativa de vários tipos de provas: trabalhos escritos e orais, relatórios de leitura ou de trabalho de campo, elaboração de bibliografias críticas, testes escritos ou orais, etc.

2. Uma das provas tem que ser obrigatoriamente um teste escrito.
3. Os alunos devem ser informados sobre todos os elementos de avaliação, incluindo os trabalhos orais e a participação nas aulas, e sobre os critérios de ponderação adoptados.
4. As classificações de avaliação contínua devem ser regularmente comunicadas ao aluno e publicadas até uma semana antes do prazo limite de desistência de avaliação contínua.

Artº 4 - Funcionamento das aulas

1. A avaliação contínua pode ser realizada apenas em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos.
2. O quantitativo referido no ponto anterior poderá, eventualmente, ser alterado, após autorização do Conselho Pedagógico, e mediante justificação do docente.
3. As disciplinas ou turmas que funcionam no regime de avaliação contínua podem ter aulas durante a interrupção motivada pelas primeiras provas de avaliação periódica, mediante acordo entre professor e alunos.

Artº 5 - Exigência de presença às aulas

1. A avaliação contínua obriga à presença do aluno, no mínimo, em 75 % das aulas.
2. A presença dos alunos é verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do docente.

Artº 6 - Inscrição e desistência

1. A inscrição nesta modalidade de avaliação é feita no decurso do primeiro mês de funcionamento da disciplina.
2. Os alunos podem desistir da avaliação contínua, até quinze dias antes da realização do primeiro teste de avaliação periódica. Os alunos que desistirem da avaliação contínua só poderão submeter-se à avaliação final.
3. A desistência efectua-se por comunicação escrita, datada e assinada e entregue pessoalmente ao docente.

Artº 7 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação negativa em avaliação contínua é considerado reprovado, tendo, no entanto, direito a realizar exame final na época de recurso e nas condições fixadas pelo artigo 13º.

C. AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 8 - Tipos de provas

1. O número mínimo de provas a realizar é de duas, sendo uma obrigatoriamente um teste efectuado na presença do docente e podendo a outra ser um trabalho elaborado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno, nos termos do artigo 2º.

2. Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo para além das duas provas de avaliação periódica, os referidos trabalhos deverão obrigatoriamente regular-se pelo disposto no artigo 18º.

3. As provas só podem incidir sobre matéria leccionada até 8 dias antes da sua realização.

Artº 9 - Repescagem

1. Para que os alunos se considerem aprovados em avaliação periódica, a média final tem de ser positiva e em nenhuma das provas a nota pode ser igual ou inferior a sete valores.

2. Os alunos que não estejam na situação referida no ponto 1, ou que tenham faltado a uma das provas, têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realização simultaneamente com o exame final da época normal.

3. A nota de uma das provas de avaliação periódica tem de ser igual ou superior a 9,5 para o aluno poder realizar a prova de repescagem.

Artº 10 - Inscrição e desistência

1. A inscrição do aluno nesta modalidade de avaliação considera-se efectiva pela sua presença na primeira prova de avaliação periódica.

2. Os alunos que não compareçam a uma das provas, mas queiram optar ou manter-se nesta modalidade de avaliação, devem entregar ao responsável da cadeira uma declaração datada e assinada, até cinco dias úteis após o reinício das aulas, para o caso da primeira prova. Para a segunda prova, o prazo é de cinco dias após a realização da mesma.

3. Presume-se que um aluno que não cumpra com o disposto no ponto 2 optou pela modalidade de avaliação final.

4. Um aluno que compareça a duas provas de avaliação periódica perde o direito à desistência desta modalidade de avaliação, não podendo realizar exame final na época normal, excepto nos casos contemplados no ponto 7 do artigo 13º.

Artº 11 - Reprovação e direito à época de recurso

1. O aluno que obtenha classificação média negativa em avaliação periódica é considerado reprovado, tendo no entanto direito a realizar exame final na época de recurso nas condições fixadas pela lei gera e conforme os artigos 13º e 15º das actuais normas.

Artº 12 - Tipos de provas em línguas vivas

1. Sem prejuízo do exposto nos artigos 8º, 9º e 10", a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais.

2. As provas escritas são, no mínimo duas e precedem a prova oral, obrigando a uma média mínima de nove valores, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

3. Cabe aos docentes fixar o momento de realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação dos resultados das provas escritas, segundo o estipulado no artº 20º.

4. A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas e segundo o estipulado no artigo 15º destas normas.

5. Em línguas vivas a prova oral funciona sempre como uma prova autónoma, obrigatória, com a finalidade de avaliar a capacidade de expressão oral do aluno, nunca podendo ser entendida como prova de repescagem das provas escritas.

6. Para que os alunos se considerem aprovados nenhuma das três provas realizadas pode ter uma classificação inferior a oito valores.

D. AVALIAÇÃO FINAL

Artº 13 - Tipo de provas

1. O exame final é constituído por uma prova escrita e, se necessário ou requerido, uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.

2. Nos exames finais, épocas de recurso e especial, há apenas uma chamada por cada disciplina.

3. Nas disciplinas com prova prática obrigatória no exame final, esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo realizado ao longo do ano lectivo, desde que para tal haja acordo entre professor e aluno, nos termos do artigo 2º e do artigo 18º.

4. Os alunos podem realizar exames na época de Setembro a todas as disciplinas a cujas provas faltaram ou de que desistiram em regime de avaliação contínua ou periódica.

5. Para os alunos que realizem recurso de qualquer modalidade de avaliação em Setembro, existe um limite de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

6. Na época especial (Dezembro), os alunos podem fazer exame final a um máximo de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais, desde que estas sejam suficientes para a obtenção de grau ou diploma.

7. Os alunos do 4º ano dos diversos cursos, com excepção do de Sociologia, podem realizar recurso da classificação de avaliação periódica ou contínua na época normal, sem limite de número de disciplinas.

8. O recurso referido no ponto 7 não pode ser repetido na época de Setembro.

Artº 14 - Exames para melhoria de classificação

1. Os alunos podem requerer melhoria de classificação a qualquer disciplina, sem restrição numérica, mas uma só vez. Esta melhoria tem que ser realizada até à época de recurso (inclusivé) do ano lectivo seguinte.

2. Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de classificação no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas respectivas têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que tem lugar o novo exame e de prestar provas com o docente (ou docentes) que ministra(m) os referidos programas.

3. Na melhoria de nota prevalece a classificação mais elevada.

Artº 15 - Provas orais em avaliação final

1. As provas orais devem realizar-se em salas abertas ao público, perante um júri constituído por um número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

2. Cabe aos docentes determinar o momento da realização da prova oral, observando o intervalo mínimo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita correspondente.

3. A nota mínima de admissão à prova oral é de 7,5 valores, excepto no caso das disciplinas de línguas vivas em que a nota mínima é de 9 valores.

4. Os alunos que obtenham na prova escrita nota igual ou superior a 10 valores ficam dispensados da prova oral (excepto no caso das línguas vivas) sem que, no entanto, lhes seja vedado requerê-la no prazo de 2 dias úteis após a afixação da classificação da prova escrita.

5. Sempre que se realize uma prova oral em avaliação final, o resultado será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

6. O regime de obrigatoriedade da prova oral pode ser estendido a qualquer outra disciplina, que não as línguas vivas, sob proposta do responsável pela disciplina, por decisão do Conselho Pedagógico e ouvido o Conselho Científico.

E. TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO, SEMINÁRIOS E COMBINAÇÃO DE MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Artº 16 - Definição de trabalho de investigação

1. Considera-se um trabalho de investigação aquele em que haja pesquisa bibliográfica, documental ou de campo, original e individualizada, cuja apresentação e dimensão obedeça a certos requisitos mínimos, previamente acordados entre docente(s) e aluno ou grupo de alunos.

2. Os critérios, métodos, prazos e formas de realização devem ser discutidos com o docente no início da elaboração do trabalho; o docente deve acompanhar de perto essa elaboração.

3. Os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho podem ter uma classificação diferenciada em função da sua participação individual.

Artº 17 - Seminários

1. Os seminários são disciplinas incluídas nos currícula das licenciaturas, nos termos da legislação em vigor.

2. Para efeitos de avaliação os alunos ficam obrigados a participar num número determinado de reuniões definido no início do seminário.

3. Para todos os efeitos consideram-se essas reuniões equivalentes a provas de qualquer outro sistema de avaliação, sem prejuízo de outras provas a realizar.

4. Os trabalhos de investigação realizados no âmbito dos seminários obedecem normas estipuladas no artigo 16º.

5. Todas as decisões quanto às modalidades de avaliação, organização e funcionamento do seminário, deverão ficar registadas no livro de sumários, à semelhança do estipulado no artigo 2º.

6. Os seminários do Ramo Educacional, dada a sua especificidade, não podem ser repetidos para efeito de melhoria de nota.

Artº 18 - Combinação de modalidades de avaliação (Cursos de Geografia e de Sociologia)

1. Uma mesma disciplina pode funcionar simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente aos conteúdos teóricos; avaliação contínua relativamente aos conteúdos práticos.

2. Para que os alunos se considerem aprovados é obrigatória uma nota mínima de 9,5 a cada uma das componentes.

3. No caso de avaliação inferior a 9,5 numa das componentes da disciplina, a classificação positiva da outra componente poderá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

4. A ponderação da parte prática e da parte teórica da disciplina deve ser claramente explicitada nos termos do artigo 2º, sendo responsabilidade do docente indicar o índice de ponderação efectivo de cada uma delas na média final da disciplina.

5. Nas disciplinas em que esse índice não tenha sido efectivamente fixado, vigora uma ponderação de 50% para cada uma das componentes, teórica e prática.

6. Os alunos que optem pela combinação de modalidades de avaliação ficam obrigados ao regime de presenças próprio da avaliação contínua apenas em relação às aulas práticas.

F - APRESENTAÇÃO DAS CLASSIFICAÇÕES E SUA APLICAÇÃO

Artº 19 - Forma de apresentação das classificações

1. Todas as notas relativas a provas ou a trabalhos que servem de fundamento à classificação final, bem como esta última, têm de ser publicadas sob a forma de nota qualitativa (escala de 0 a 20) em pautas datadas e assinadas pelo docente da disciplina.

2. As classificações finais são apresentadas em números inteiros, sendo as décimas arredondadas à unidade, por defeito até ao meio valor, e por excesso a partir do meio valor.

Artº 20 - Prazos de afixação das classificações

1. Os resultados da primeira prova de avaliação periódica devem ser afixados até, no máximo, 30 dias úteis após a realização da mesma.

2. Os resultados da segunda prova de avaliação periódica devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização da prova de repescagem respectiva.

3. Os resultados dos exames devem ser afixados, até 2 dias úteis antes da realização das provas orais respectivas, com indicação explícita do dia e hora em que estas se realizam.

4. Os resultados das provas orais devem ser afixados no próprio dia em que as provas se realizam.

5. Os resultados dos exames da segunda época devem ser afixados até 2 dias úteis do início das inscrições no ano lectivo seguinte.

6. Estes prazos vigoram sem prejuízo de quaisquer outros que os Conselhos Pedagógico e Directivo venham a determinar e publicitar em tempo oportuno.

G - CONDIÇÕES DE PRESTAÇÃO E CONSULTA DAS PROVAS

Artº 21 - Consulta das provas

1. Os alunos têm o direito de consultar as suas provas e outros elementos de avaliação depois de classificados, desde que na presença do docente.

2. Em caso de prestação de prova oral os alunos têm o direito de conhecer a classificação da prova escrita correspondente.

Artº 22 - Condições de prestação de provas e casos de fraude

1. No início de cada prova o docente deve informar claramente os alunos acerca das condições de prestação da prova.

2. Em caso de fraude comprovável, o docente deve anular a prova e comunicar o facto ao Conselho Pedagógico.

3. Caso haja apenas suspeitas de fraude, deve o docente comunicar todas as informações sobre a sua fundamentação ao Conselho Pedagógico, o qual tomará posição depois de ouvidas as partes envolvidas.

4. No caso de fraude grave comprovada, o Conselho Pedagógico comunicará o facto à secção disciplinar do Senado Universitário.

Artº 23 - Identificação dos alunos no momento de prestação de provas

1. Os docentes encarregados de vigiar quaisquer provas devem exigir aos alunos documento comprovativo da sua identidade.

2. Os docentes encarregados de vigiar provas de avaliação periódica e exames finais devem fazer circular uma folha de presenças, devidamente datada e rubricada pelo docente que recolher as assinaturas dos alunos.

H - CALENDÁRIO DE PROVAS

Artº 24 - Direito a reclamação relativa ao calendário de provas

1. Dadas as dificuldades na elaboração do calendário nos cursos com múltiplas variantes, está previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo é de 2 dias úteis depois de afixado o calendário das provas.

2. As reclamações devem ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico e entregues à Secretaria da Faculdade; o Presidente do Conselho Pedagógico poderá delegar num ou mais membros deste Conselho o poder de resolução destas situações.

I - DISPOSIÇÕES FINAIS

O Conselho Pedagógico reserva-se o direito de tomar as providências que entender necessárias a fim de resolver eventuais irregularidades no processo de avaliação.

Calendário das provas em 1994-1995

Início das aulas: 6 de Outubro de 1994

Avaliação periódica

Primeiras provas: de 9 a 28 de Janeiro de 1995 (Reinício das aulas: 31 de Janeiro de 1995)

Segundas provas: de 22 de Maio a 9 de Junho de 1995

Fim de aulas: 20 de Maio de 1995

Exames finais

Época normal: de 12 de Junho a 1 de Julho de 1995

Época de recurso: de 12 a 30 de Setembro de 1995

PUBLICAÇÕES

Publicações Periódicas:

Revista da Faculdade de Letras - Séries de:
História, I série: 1971-1974; II série: 1984 ss.
Filosofia, I série: 1970-1973; II série: 1985 ss.
Filologia, I série, 1973.
Línguas e Literaturas, II série: 1984 ss.
Geografia, 1985 ss.
Sociologia, 1991 ss.

Anexos da série de Línguas e Literaturas:

- I - Problemáticas em História Cultural, Porto, 1987
II - Bibliografia Cronológica da Espiritualidade em Portugal -1501-1700.
Porto, 1988
III - Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Porto, 1989
IV - Poesia de D. Manoel de Portugal. I - Prophana. Edição das suas
Fontes, Porto, 1991
V - Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XII a XVIII) Porto, 1993
VI - Verbo e Estruturas Frásicas, Porto, 1994
VII - Historiografia Gramatical (1500-1920), Porto, 1994

Portugalia (Instituto de Arqueologia), nova série. 1980 ss.

Runa, Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984 ss.

Revista Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, Faculdade de Letras da Univ. do Porto), 1990 ss.

Revista de História (Centro de História da Univ. do Porto), 1978 ss.

Intercâmbio (Núcleo de Estudos Franceses da Univ. do Porto), 1990 ss.

Actas de Congressos:

O Porto na Época Moderna (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1979), «Revista de História», Porto, INIC/Centro de Historia UP, vol.II, 1979, vol.III, 1980

Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste (Novembro de

1983), «Portugalia», Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Arqueologia, nova série, IV-V, 1983-1984

Perspectivas e Leituras do Universo Kafkiano (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1983), Lisboa, Apáginastantas, 1984.

I Jornadas de Estudo Norte de Portugal - Aquitânia (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1984), Porto, Centro de Estudos Norte de Portugal - Aquitânia (CENPA), 1986

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval (Novembro de 1985), 3 vols., Porto, Centro de História UP/INIC, 1987, 1989

Problemáticas em História Cultural (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas» - Anexo B), 1987

Victor Hugo e Portugal. No Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Actas do Colóquio, Porto, Ed. subsidiada pela Fundação Eng. António de Almeida e pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1986), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Déffis de la Modernisation (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1987), Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française - Secção de Sociologia da Faculdade de Letras do Porto, 1988

Congresso Internacional «Bartolomeu Dias e a sua Época» 5 vols. Porto, Universidade do Porto - Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1989

Duas Línguas em Contraste: Português e Alemão, Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (Faculdade de Letras do Porto, Outubro de 1988), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Estudos Germanísticos, «Línguas e Literaturas - Anexo III», 1989

Eça e «Os Maias», Actas do 1.º Encontro Internacional de Queirosianos (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1988), Colecção «Perspectivas Actuais», Porto, Edições ASA, 1990

II Jornadas de Estudo Norte de Portugal-Aquitânia. L'Identité Régionale. L'Idée de Région dans l'Europe du Sud-Ouest (CENPA, Bordéus, Março de 1988), Paris, CNRS, 1991

A Recepção da Revolução Francesa em Portugal e no Brasil (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1989), 2 vols., Porto, Universidade do Porto, 1992

Espiritualidade e Corte em Portugal nos Séculos XVI-XVIII (Faculdade de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de

de Letras do Porto, Maio de 1992), Porto, Faculdade de Letras - Instituto de Cultura Portuguesa, «Línguas e Literaturas--Anexo V», 1993

1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Porto, Outubro de 1993), Actas, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XXXIV - Fasc. 1-2, 3 vols., Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1993-1994

Antero de Quental e o Destino de uma Geração, Actas do Colóquio Internacional no Centenário da sua Morte (Faculdade de Letras do Porto, Novembro de 1991), Colecção «Perspectivas Actuais / Educação», Porto, Edições ASA, 1994

Edições do Conselho Directivo:

Guia do Estudante, Porto, 1980/81 ss.

Faculdade de Letras, 1988-1989. Porto, 1989: 2ª ed., Porto, 1994

«Fundo Primitivo» da Biblioteca Central. 1919-1928 Porto, 1989

Dissertações Académicas, Porto, 1991

Colecção «Conferências da Faculdade de Letras do Porto»:

Eduardo Abranches de Soveral - Meditação Heideggeriana, Porto, 1993

José Adriano de Freitas Carvalho - A Herança do Sebastianismo (A publicar)

António Teixeira Fernandes - A Crise do Estado nas Sociedades Contemporâneas, Porto, 1993

Luis António de Oliveira Ramos - As Universidades em Tempo de Cooperação, Porto, 1994

Rosa Fernanda Moreira da Silva - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, Porto, 1994

Humberto Baquero Moreno - Os Mudéjares no Portugal Medieval (A publicar)

Publicações da Associação de Estudantes da Faculdade de Letras do Porto (AEFLUP):

Humanidades, 1982

Ícone. Revista de Colaboração Artística, 1990

Letras Soltas. Jornal da AEFLUP, 1992

Íncubo. Jornal da AEFLUP, 1993

BIBLIOGRAFIA MAIS IMPORTANTE SOBRE A F.L.U.P.:

CRUZ, António - As Bodas de Prata da Restauração da Faculdade de Letras, «O Tripeiro», Série nova, Porto, IV, 11-12 Nov.-Dez., 1985, pp. 323-331

DIONÍSIO, Sant'Anna - A Quinta Amarela, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 12.3.1958

DIONÍSIO, Sant'Anna - Nascença da Decantada Faculdade de Filosofia e Filologia do Porto, «O Primeiro de Janeiro», Porto, 1.12.1980

EIRAS, Adriano - Faculdade de Letras do Porto 1919-1931. Contribuição para a sua História, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989 (Em colaboração com a Faculdade de Letras do Porto)

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - Os 25 Anos da Faculdade de Letras: Passado e Presente, «Revista da Faculdade de Letras - História», IV, Porto, 1987, pp. 293-307

HOMEM, Armando Luís Gomes de Carvalho - A História que nos fez e a História que se faz da Primeira à Segunda Fase da Faculdade de Letras do Porto, Congresso «O Porto na Época Contemporânea» (Ateneu Comercial do Porto, Outubro de 1989)

HURST, N.R. - O Ensino e o Estudo do Inglês na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (F.L.U.P.), «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VII, Porto, 1990, pp. 237-245

HURST, N.R. - Some Implications of Innovation in the Arts Faculty of Porto University, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», X, Porto, 1993, pp. 199-202

PINA, Luís de - Faculdade de Letras do Porto (Breve História), «Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto», 1, Porto, 1966, pp. 59-172

RAMOS, Luís António de Oliveira - Notas sobre a Origem e Estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto, «Boletim Cultural», Porto, Câmara Municipal do Porto, 1983, pp. 245-260 (Reeditado in Sob o Signo das Luzes, Lisboa, IN/CM, 1988, «Leonardo Coimbra e a Criação da Faculdade de Letras do Porto», pp. 201 -221)

SÁ, Victor de - Notas sobre o Ensino da História na 1ª Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - História», III, Porto, 1986, pp. 199-209

SILVA, Rosa Fernanda Moreira da - Faculdade de Letras do Porto (1980-1994). Seu Enquadramento Nacional e Regional, «Conferências da Faculdade de Letras do Porto - V», Porto, Edição do Conselho Directivo, 1994

TORRE, Manuel Gomes da - Dr. Luís Cardim. Dos Liceus para a Antiga Faculdade de Letras do Porto, «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e

Literaturas», IV, Porto, 1987, pp. 279-300

TORRE, Manuel Gomes da - Papel da Faculdade de Letras do Porto na Formação de Professores de Línguas Vivas Estrangeiras: «Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas», VI, Porto, 1989, pp. 135-150

PROGRAMAS

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

(turma diurna)

Docente: Prof. Doutora Maria José Cantista

I Parte

1. Demarcação do domínio temático da disciplina. Problema das relações entre Filosofia e História da Filosofia. O que impõe uma programação filosófica da história da filosofia.

2. Métodos adoptados na leccionação e seu fundamento. Objectivos perseguidos. Comentário à bibliografia da disciplina.

II Parte

Compreensão diferenciadora do universo do discurso filosófico contemporâneo: a necessidade de referir os "grandes monetos" anteriores, os principais "universo de discurso" que o precederam.

III Parte

1. O Universo de discurso filosófico contemporâneo; sua caracterização. Radicação em Kant.

2. A filosofia de Hegel como ponto de arranque do pensamento hodierno. Particular detenção nos núcleos matriciais desta filosofia, em ordem a uma compreensão integrada da temática contemporânea.

3. Kierkegaard versus Hegel: do "fracasso" da dialéctica à "dialéctica do fracasso".

4. Nietzsche versus Hegel: o poder da Vontade contra a impotência da Ideia.

5. As demais críticas a Hegel: temas e problemas nucleares daí decorrentes para a filosofia actual:

a. Crítica positiva de Schelling.

b. Crítica voluntarista de Schopenhaver (em íntima conexão com Nietzsche).

c. Crítica materialista de Feuerbach.

d. Crítica historicista de Dilthey.

e. Crítica positivista de Comte.

6. Fenomenologia e experiência radical do sentido. Uma nova antologia de caril fenomenológico: referência a Husserl.

7. Correntes de signo ontológico-existencial: seus núcleos matriciais e sua evolução em termos de hermenêutica. Correntes de signo empirista-positivista: seus

núcleos matriciais e sua evolução em termos de filosofia analítica - expoentes paradigmáticos de ambas as vertentes.

8. O racionalismo crítico: vertente prático-sociológica e epistemológico-científica. Principais representantes.

9. Síntese prospectivo das tendências recentes do filosofar, radicada na temática analisada ao longo do curso.

BIBLIOGRAFIA:

Manuais Gerais

ABBAGNANO, N. - Storia della Filosofia, tomo IV, Turim, Ed. Torinese, 1966; Trad. portuguesa, Lisboa, Presença, 1983 (Vol. 9, 55)

APEL, K. O. - Towards a Transformation of Philosophy, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1980

BELAVAL, Y. (dir.) - Histoire de la Philosophie, tomo III, "Encyclopédie de la Pleiade", Paris, Gallimard, 1974

CHATELET, F. (dir.) - Histoire de la Philosophie. Idées, doctrines, Tomos III-IV, Paris, Hachette, 1973

COPLESTON, F. - Historia de la Filosofia, Vol. VII, VIII, IX, Barcelona, Ed. Ariel, 1978-1985

HEIMSOETH, H. - A filosofia no século XX, Coimbra, Armenio Amado, 1982

MATHIEU, V. - Temas y problemas de la filosofia actual, Madrid, Rialp, 1980

URDANOZ, T. - Historia de la filosofia, Tomos, IV-V-VI, Madrid, B.A.C., 1978

VANNI ROVIGHI, S. - Storia della filosofia contemporânea, Brescia, La Scuola, 1980

GRANDE ANTOLOGIA FILOSÓFICA, Milão, Marzorati 1975 (contém ensaios e ampla bibliografia sobre temas filosóficos fundamentais, até à época contemporânea, bem como um elenco de textos)

Para uma bibliografia da História da Filosofia Contemporânea, veja-se:

BAUSOLA, A. (dir.) - Questioni di storiografia filosofica: II-II pensiero contemporaneo, 3 vol., Brescia, La Scuola, 1978

Nota: A bibliografia específica de cada tema do programa será distribuída aos alunos no início do ano lectivo.

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

(turma noturna)

Docente: Dr. Valdemar Capelo Cardoso

I. Introdução. Aspectos fundamentais do discurso filosófico contemporâneo. Sua radicação em Kant.

II. A Filosofia Contemporânea: alguns marcos do seu itinerário.

1. Hegel - dissolução do finito no infinito. A experiência da finitude. A verdadeira liberdade. Bei-sich-selbst-sein. O sistema.

2. Marx - interpretação humanista e anti-humanista do marxismo. O materialismo histórico e o materialismo dialético.

3. Nietzsche - a interpretação do socratismo. A "genealogia" do saber humano. Assim Falava Zarathustra: a morte de Deus, o Super-Homem, a Vontade de Poder, a ideia do Eterno Retorno do mesmo, os Homens Superiores. Nietzsche e a tradição cultural do Ocidente.

4. Husserl - a eidética. O transcendental. O "mundo da vida" (Lebenswelt), enquanto conceito contraposto ao mundo das ciências.

5. Sartre - da gratuidade da existência à responsabilidade humana. Do escritor ao analista político. O neo-marxismo: Crítica da Razão Dialética.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, L. - Pour Marx (1965), Paris, Maspero, 1973

ARON, R. - Histoire et Dialectique de la Violence, Paris, Gallimard, 1973

AXELOS, K. - Marx, Penseur de la Technique (1961, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974)

BERGER, G. - Le Cogito dans la Philosophie de Husserl, Paris, 1941

CHATELET, F. - Logos et Praxis, Paris, Sedes, 1962

DELEUZE, G. - Nietzsche et la Philosophie, Paris, P.U.F., 1973

D'HONDT, J. - Hegel, Philosophie de l'Histoire Vivante, Paris, P.U.F., 1966

FINK, E. - A Filosofia de Nietzsche, trad. port., Lisboa, Editorial Presença

- GOLDMANN, L. - Recherches Dialectiques, (1959), Paris, Gallimard, 1972
- HEGEL, G.W.F. - La Phénoménologie de l'Esprit, 2 vols., Paris, Aubier-Montaigne, 1933
- " - Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome, 3 vols., trad. port., Lisboa, Edições 70
- HEIDEGGER, M. - Nietzsche, Paris, Gallimard, 1971
- HUSSERL, E. - Recherches Logiques I, Paris, P.U.F., 1958
- " - A Filosofia como Ciência de Rigor, trad. port., Coimbra, Atlântida Editora, 1965
- " - Idées Directrices pour une Phénoménologie, Paris, Gallimard, 1950
- HUSSERL, E. - La Crise des Sciences Européennes et la Phénoménologie Transcendantale, Paris, Gallimard, 1976
- JASPERS, K. - Nietzsche, Paris, Gallimard, 1936
- JEANSON, F. - Sartre et le Problème Moral, Paris, Seuil, 1966
- LAING, R.D. e COOPER, D.G. - Raison et Violence, Paris, Payot, 1972
- LAUER, Q. - Phénoménologie de Husserl. Essai sur la Génèse de l'Intencionalité, Paris, 1955
- LEFEBVRE, H. - La Somme et le Reste, Paris, Ed. la Nef, 1959
- MARCUSE, H. - L'Ontologie de Hegel et la Théorie de l'Histoire (1932), Paris, Minuit, 1972
- MARX, K. - Ver principais obras nas Edições Sociales, Paris; e também na Coleção da Pléiade, Oeuvres, Économie, sob a direcção de Maximilian Rubel
- NIETZSCHE, F. - A Origem da Tragédia (1872), trad. port., Lisboa, Guimarães Editores, 1978
- " - Assim Falava Zaratrusta (1883-1885-1892), trad. port., Guimarães Editores
- " - A Genealogia da Moral (1887), trad. port., Lisboa, Guimarães Editores, 1976
- SARTRE, J.-P. - Critique de la Raison Dialectique, 2 Vols., Paris, Gallimard, 1960 e 1985
- WHAL, J. - Le Malheur de la-Conscience dans la Philosophie de Hegel, Paris, P.U.F., 1951
- WEIL, E. - Hegel et l'État (1950), Paris, Vrin, 1974

AXIOLOGIA E ÉTICA

Docente: Prof. Doutor Luís de Araújo

1. FILOSOFIA, AXIOLOGIA E ÉTICA

- 1.1. Situação e justificação da Filosofia no mundo contemporâneo.
- 1.2. Axiologia e Filosofia. Significado histórico-filosófico do Movimento da "Filosofia dos Valores".
- 1.3. Ética e Filosofia. A vocação ética da Filosofia. O significado da Ética para a vida humana.

2. QUESTÕES NUCLEARES DA AXIOLOGIA

- 2.1. Os Valores: noção, características e tipologia
- 2.2. A controvérsia acerca da natureza dos valores:
 - subjectividade ou/e objectividade?
 - igualdade ou hierarquia?
 - absolutividade ou relatividade?
- 2.3. Os valores éticos: natureza, fundamentação e significado na vida humana.

3. PROBLEMÁTICA FUNDAMENTAL DA ÉTICA

3.1. O Agir Humano.

3.1.1. Dimensão antropológica:

- analítica da existência humana: vocação, projecto vital, e circunstância. Solipsismo e alteridade
- a experiência da Liberdade e a problemática dos Determinismos.

3.1.2. Dimensão ética:

- O sujeito ético: A autonomia da vontade;
- A consciência moral: génese e desenvolvimento;
- A acção moral: vontade, valores, normas, meios e fins.
- A experiência da responsabilidade moral:
 1. Demarcação do domínio temático: Ética e Direito;
 2. Modalidades fundamentais;
 3. Condições integrantes da acção responsável;
 4. Sanções morais: culpabilidade e remorso;
 5. O sentido do perdão.
- A aposta pela liberdade e o compromisso moral.

3.2. O âmbito da Ética

3.2.1. Noção, características e divisão da Ética. A Ética e a sua relação com a Psicologia, Sociologia, Direito e Pedagogia. Possibilidades e limites da Ética: a problemática do relativismo ético. O desafio da Pós-Modernidade. Os dilemas contemporâneos: utilidade e justiça.

3.2.2. Fundamentação da Ética

- modalidades: - religiosa;
- sociológica;
- racional (Kant);
- axiológica (Max Scheler);
- pragmática-transcendental (Karl-Otto, Apel, Jurgen Habermas e A. Wellmer)

3.2.3. Ética e Política

3.2.3.1. - Ideologias, Política e Ética;

- A Ética como crítica das Ideologias;
- Significado ético-político e panorâmica histórica dos "Direitos Humanos"

3.2.3.2. - Fundamentação da Ética Política:

- Introdução histórico-filosófica;
- Análise crítica das teses contemporâneas de Raymond Polin, John Rawls, José Luís Aranguren, Jurgen Habermas, R. Dworkin e Salvatore Vecca.

3.2.4. Moral e História

- carácter histórico da Moral. A História como história moral;
- origens da Moral;
- mudanças histórico-sociais e mudanças da Moral;
- o progresso moral: tema e problema.

3.2.5. Teorias éticas fundamentais (aspectos nucleares)

- Época Antiga: Platão, Aristóteles, Epicuro e Estoicismo.
- Época Medieval: Agostinho e Tomás de Aquino.
- Época Moderna: Descartes, Espinosa, Leibniz, Locke, Hume, Kant, Hegel, Stuart Mill, Kierkegaard, Marx e Nietzsche.
- Época Contemporânea: Wittgenstein, Max Scheler, Ortega y Gasset, Gabriel Marcel, Emmanuel Mounier, Albert Camus e Jean-Paul Sartre;
- Actualidade: Karl-Otto Apel, Emmanuel Lévinas, Ernst Tugendhat, Jürgen Habermas e José Luís Aranguren

4. PERSPECTIVAS DO HUMANISMO CONTEMPORÂNEO

4.1. Introdução histórico-filosófica à problemática do Humanismo. A polémica contemporânea sobre o Humanismo (Jean-Paul Sartre e Henri Lefebvre versus Michel Foucault e Claude Lévi-Strauss).

4.2. Análise crítica das orientações contemporâneas do Humanismo.

- Perspectiva cristã - Jacques Maritain;
- Perspectiva personalista - Emmanuel Mounier;
- Perspectiva existencialista - Jean-Paul Sartre;
- Perspectiva marxista - Henri Lefebvre.
- Perspectiva estruturalista - Michel Foucault;
- Perspectiva bio-antropo-ético-política - Edgar Morin

5. ÉTICA E MUNDO CONTEMPORÂNEO

Breve análise de alguns problemas morais contemporâneos, tais como: questões de bio-ética, violência, pena de morte, justiça social, racismo bio-cultural, discriminação sexual, comunicação social e ecologia.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERONI, F. e VECA, Salvatore - O Altruísmo e a Moral, Lisboa, Liv. Bertrand, 1988
- APEL, Karl-Otto - L'Éthique à l'âge de la science, Lille, Presses Univ. Lille, 1987
- "- Estudos Éticos, Barcelona, Alfa, 1986
- ARANGUREN, José Luís - Ética, Edit. Revista de Occidente, Madrid, 1968
- "- Ética y Política, Madrid; Edit. Guadarrama, 1968
- "- Propuestas Morales. Madrid, Tecnos, 1984
- "- El Buen Talante, Madrid, Tecnos, 1985
- "- Ética de la Felicidad y otros lenguajes, Madrid, Tecnos, 1988
- ARAÚJO, Luís de - A Ética como Pensar Fundamental, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992
- "- Sentido Existencial da Filosofia, Porto, Edit. RES, 1992
- AXELOS, Kostas - Pour une Éthique Problematique, Paris, Minuit, 1972
- BADIÓU, Alain - L'Éthique. Essai sur la conscience du Mal, Paris, Hatier, 1993

- BASTIDE, Georges - Traité de l'Action Morale, Paris, PUF, 1961
- 1958 "- Les grands thèmes moraux de la civilisation occidentale, Paris, Bordas,
- BEAUVOIR, Simone de - Pour une morale de l'ambiguïté, Paris, Gallimard, 1966
- BOCKLE, Franz - Moral Fundamental, Madrid, Edit. Cristiandad, 1980
- BRANDSTEIN, Béla Freiherr von - Problemas de una Ética Filosófica, Barcelona, Herder, 1983
- BRANDT, Richard - Teoría Ética, Madrid, Alianza Editorial, 1982
- 1988 CAMPS, Victória - Ética, Retórica, Política, Madrid, Alianza Editorial,
- "- Virtudes Públicas, Madrid, Espasa-Calpe, 1990
- "- Dir. e Org. de Historia de la Ética, Barcelona, Crítica, 1988 ss..
- CAMUS, Albert - L'Homme Révolté in Essais, Paris, Gallimard, Bibl. de la Pleiade, 1965
- CARDIA, Mário Sottomayor - Ética. I-Estrutura da Moralidade, Lisboa, Presença, 1992
- 1987 CARRACEDO, José Rubio - El Hombre y la Ética, Madrid, Anthropos,
- CONCHE, M. - Le fondement de la morale, Paris, Mègare, 1982
- CHANGEUX, Jean-Pierre (Org.) - Fondements Naturels de l'Éthique, Paris, Odille Jacob, 1993
- CORTINA, Adela - Razón Comunicativa y Responsabilidad Solidaria, Salamanca, Sígueme, 1988
- "- Ética Mínima, Madrid, Tecnos, 1986
- COIMBRA, Edmundo - Relações lógicas, psicológicas e sociais da Ética, Coimbra, Coimbra Editora, 1946
- DUJOVNE, Léon - Teoría de los Valores y Filosofía de la Historia, Buenos Aires, Paris, 1959
- 1939 DUPRÉEL, E. - Esquisse d'une philosophie des valeurs, Paris, Alcan,
- "- Traité de Morale, Bruxelles, PUB, 1979
- ETCHEVERRY, Auguste - O Conflito Actual dos Humanismos, Porto, Liv. Tavares Martins, 1964
- "- La Morale en Question, Paris, Téqui, 1976
- FINANCE, Joseph de - Essai sur l'agir humain, Roma, Presses de l'Univ. Grégorienne, 1962
- "- Éthique Générale, Roma, Presses de l'Univ. Grégorienne, 1967
- FRANKENA, William - Ética, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968

- FRONDIZI, Risieri - Qué son los Valores?, México, Fondo de Cultura Económico, 1977
- GENARD, Jean-Louis - Sociologie de l'Étique, Paris, Edit. L'Harmattan, 1992
- GUISÁN, Esperanza - Razón y Pasión en la Ética. Los dilemas de la Ética Contemporánea, Madrid, Anthropos, 1986
- GORZ, André - Fondaments pour une Morale, Paris, Galilée, 1977
- GRÁCIO, Cristina - Ética in Carrilho, Manuel M. e Sáágua, João, Dicionário do Pensamento Contemporâneo, Lisboa, Pub. Dom Quixote. Também editado pelo Círculo de Leitores
- GREGOIRE, François - Les Grandes Doctrines Morales, Paris, PUF, 1967
- GURVITCH, Georges - Déterminismes sociaux et Liberté Humaine, Paris, PUF, 1955
- "- Morale Théorique et Science des Moeurs, Paris, PUF, 1961
- GUSDORF, Georges - Traité de l'Existence Morale, Paris, A. Colin, 1949
- "- Signification Humaine de la Liberté, Paris, Payot, 1962
- HABERMAS, Jürgen - Morale et Communication, Paris, Cerf, 1986
- "- De l'Éthique de la discussion, Paris, Cerf, 1992
- HESSEN, Johannes - Filosofia dos Valores, Coimbra, Arménio Amado, 1967
- HUDSON, W.D. - La Filosofía Moral Contemporánea, Madrid, Alianza Editorial, 1974
- KUTSCHERA, Franz - Fundamentos de Ética, Madrid, Cátedra, 1989
- JANKÉLEVITCH, Vladimir - Le Paradoxe de la Morale, Paris, Seuil, 1981
- JONAS, Hans - The Imperative of Responsibility, Univ. of Chicago and London Press, 1984
- LACROIX, Jean - Philosophie de la Culpabilité, Paris, PUF, 1977
- LAVELLE, Louis - Traité des Valeurs, Paris, PUF, 1951 (reedit. em 1991)
- LE SENNE, René - Traité de Morale Générale, Paris, PUF, 1967
- LECLERQ, Jacques - Les Grandes Lignes de la Philosophie Morale, Louvain, Univ., 1954
- LÉONARD, André - Le Fondement de la Morale, Paris, Cerf, 1991
- LÓPEZ QUINTÁS, A. - El Conocimiento de los Valores, Estella (Navarra), Edit. Verbo Divino, 1989
- MADINIER, Gabriel - La Conscience Morale, Paris, PUF, 1969

- MACINTYRE, Alasdair - Historia de la Ética, Buenos Aires, Paidós, s/d.
- MARIETTI, Angèle Kremer - La Morale, Paris, PUF, 1982
- "- L'Éthique, Paris, PUF, 1987
- MARITAIN, Jacques - Neuf leçons sur les notions premières de la philosophie morale, Paris, Téqui, 1951
- "- La Philosophie Morale, Paris, Gallimard, 1960
- MESSNER, Johannes - Ética General y Aplicada, Madrid, Rialp, 1969
- MOORE, G.E. - Ética, México, Editora Nacional, 1964
- MORIN, Edgar - Introduction à une politique de l'Homme, Paris, Seuil, 1965
- "- Pour sortir du Vingtième Siècle, Paris, F. Nathan, 1981
- MOSSÉ-BASTIDE, Rose-Marie - Genèse de l'Éthique, Genève, Patiaño, 1986
- NOGARE, Pedro dalle - Humanismos e Anti-Humanismos em conflito, S. Paulo, Herder, 1973 ss.
- NOWELL-SMITH, P.H. - Ética, Estella (Navarra), Edit. Verbo Divino, 1977
- OPPENHEIM, Félix - Ética y Filosofía Política, México, FCE, 1976
- PERALES, Enrique Bonete - Éticas Contemporaneas, Madrid, Tecnos, 1990
- PERELMANN, Chaim - Introduction Historique à La Philosophie Morale, Bruxelles, PUB, 1980
- "- Éthique et Droit, Bruxelles, PUB, 1990
- PIEPER, Annemarie - Ética y Moral, Barcelona, Edit. Critica, 1991
- POLIN, Raymond - La création des Valeurs, Paris, PUF, 1952
- "- Éthique et Politique, Paris, Sirey, 1968
- REINER, Hans - Vieja y Nueva Ética, Madrid, Edit. Revista de Occidente, 1964
- RENAUD, Isabel Carmelo Rosa e RENAUD, Michel - Moral in LOGOS-Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, Lisboa, Edit. Verbo, Tomo 3°. cols. 956-979, 1991
- RESWEBER, Jean-Paul - La Philosophie des Valeurs, Paris, PUF, 1992
- RICOEUR, Paul - Philosophie de la Volonté, Paris, Aubier, 1960
- "- Soi-même comme un autre, Paris, Seuil, 1990
- RUSSELL, Bertrand - Science et Religion, Paris, Gallimard, 1971
- "- Ética e Política na Sociedade Humana, Rio de Janeiro, Zahar, 1977
- RUYER, Raymond - Le Monde des Valeurs, Paris, Aubier, 1948
- SAVATER, Fernando - Invitación a la Ética, Barcelona, Anagrama, 1982
- SCHELER, Max - Le Formalisme en Éthique et l'Éthique Matériale des Valeurs, Paris, Gallimard, 1955

- SHISKIN, A.F. - Ética Marxista, México, Grijalbo, 1966
- SPAEMANN, Robert - Ética: cuestiones fundamentales, Pamplona, EUNSA, 1987
- SOVERÁL, Eduardo Abranches de - Estudios sobre Ética, Lisboa, Imprensa Nacional, 1993
- TOULMIN, Stephen - El puesto de la Razón en la Ética, Madrid, Edit. Revista de Occidente, 1964
- UTZ, Arthur - Manual de Ética, Barcelona, Herder, 1972
- WARNOCK, Mary - Ética Contemporánea, Barcelona, Labor, 1968
- WEIL, Eric - Philosophie Morale, Paris, Vrin, 1969
- WELLMER, Albrecht - Ética y Diálogo, Barcelona, Anthropos, 1994
- WILLIAMS, Bernard - L'Éthique et les limites de la Philosophie, Paris, Gallimard, 1990
- WUNENBURGER, Jean-Jacques - Questions d'Étique, Paris, PUF, 1993
- VALADIER, Paul - Inevitável Moral, Lisboa, Instituto Piaget, 1991
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez - Ética, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970
- VECA, Salvatore - Ética e Política, Milano, Garzanti, 1989
- VIANO, Carlo Augusto - Ética, Barcelona, Labor, 1977
- VIDAL, Marciano - Moral de Actitudes, Madrid, Edit. Perpetuo Socorro, 3 vols., 1981

HERMENÊUTICA DO TEXTO FILOSÓFICO

Docente: Dr. Valdemar Capelo Cardoso

1ª PARTE - ITINERÁRIOS DA HERMENÊUTICA

1. Âmbito da Hermenêutica.
2. O problema teológico: a interpretação da Escritura. Uma interpretação finalista: a exegese patrística. Uma interpretação operacional: a exegese filológica.
3. Schleiermacher. O nascimento de um problema específico: o do compreender como tal .
4. Dilthey. A Hermenêutica como fundamento das Ciências do Espírito. "Crítica da Razão Histórica".
5. Heidegger. Da epistemologia das Ciências Humanas à ontologia do compreender. A construção de uma Ontologia Fundamental. A compreensão enquanto questão de modo de ser; "Mundanização" do compreender.
4. Gadamer. A Hermenêutica de Gadamer versus perspectiva epistemológica da Hermenêutica.
Verdade e Método: a crítica à Estética Moderna e à compreensão usual da história; a linguagem enquanto meio da experiência hermenêutica.

2ª PARTE - O ESTRUTURALISMO E A TEORIA HERMENÊUTICA DE PAUL RICOEUR

1. O Estruturalismo. O modelo linguístico. A Antropologia Estrutural: Lévi-Strauss. Foucault: a arqueologia das Ciências Humanas.
2. Ricoeur. A questão do sujeito: o desafio da semiologia. A linguagem como discurso. A teoria do texto.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- APEL, Karl-Otto - La Transformación de la Filosofía, Trad. esp., e vols., Madrid, Taurus Ediciones, 1985
- BARTHES, Roland - Elementos de Semiologia, Trad. port., Lisboa, Edições 70, 1984
- BENVENISTE, E. - Problèmes de Linguistique Générale, 2 vols., Paris, Gallimard, 1966, 1974
- BETTI, E. - Teoria General della Interpretazione, 2 vols., Milão, Ed. Instituto della Intepretazione, 1955

- BLEICHER, J. - Contemporary Hermeneutics - Hermeneutics as Method, Philosophy and Critique, Londres, Routledge Kegan Paul, Ltd., 1980
- BUDNER, Rüdiger - La Filosofía Alemana Contemporánea, trad. esp., Madrid, Ediciones Cátedra, 1984
- CORETH, E. - Questões Fundamentais de Hermenêutica, Trad. port., S. Paulo, Ed. Universidade de S. Paulo, 1973
- DILTHEY, W. - Le Monde de l'Esprit, vol. I, Trad. franc., Paris, Aubier-Montaigne, 1974
- FOUCAULT, M. - Les Mots et les choses, Paris, Gallimard, 1966
- FREUND, J. - A Teoria das Ciências Humanas, Trad. port., Lisboa, Soci-Cultur, 1977
- GADAMER, H. G. - Verdad y Método, Trad. esp., Salamanca, Ed. Síguene, 1977
- GARAGALZA, Luís - La Interpretación de los Símbolos, Barcelona, Editorial Anthropos, 1990
- GRANT, R. - L'Interprétation de la Bible des Origines Chrétiennes à nos Jours, Paris, Seuil, 1967
- GREISCH, J. - Hermeneutique et Grammatologie, Paris, Ed. du C.N.R.C., 1977
- GUSDORF, G. - Introduction aux Sciences Humaines, Paris, Les Belles-Lettres, 1960
- "- Les Origines de l'Herméneutique, Paris, Payot, 1988
- HABERMAS, Jürgen - Dialéctica e Hermenêutica, Porto Alegre, L. PM Editores, 1987
- HEIDEGGER, M. - El Ser y el Tiempo, trad. esp., México, Fondo de Cultura Económica, 1951
- "- Acheminement vers la Parole, trad. franc., Gallimard, 1967
- HEKMAN, Susan J. - Hermenêutica e Sociologia do Conhecimento, Lisboa, Edições 70, 1990
- HIRSCH, E. D. - Validity in Interpretation, New Haven, Yale University Press, 1967
- JAKOBSON, R. - Essais de Linguistique Générale, Paris, Minuit, 1963
- LADRIÈRE, J. - L'Articulation du Sens, 2 vols., Paris, Les Éditions du Cerf, 1984
- LÉVI-STRAUSS, Cl. - Anthropologie Structurale, Paris, Plon, 1958
- "- Anthropologie Structurale Deux, Paris, Plon, 1973
- MUSSNER, F. - Histoire de l'Herméneutique, trad. franc., Paris, Les Ed. du Cerf, 1972
- ORTIZ-OSÉS, Andrés - La Nuova Filosofia Hermeneutica, Barcelona, Ed. Anthropos, 1986

- PALMER, R. E. - Hermenêutica, trad. port., Lisboa, Edições 70, 1986
- RICOEUR, P. - Le Conflit des Interprétations: Essai d'Herméneutique, Paris, Seuil, 1975
- "- Du Texte à l'Action: Essais d'Herméneutique II, Paris, Seuil, 1986
- SAUSSURE, F. de - Cours de Linguistique Générale, Paris, Payot, 1980
- SCHLEIERMACHER, F. - Herméneutique, trad. franc., Éditions du Cerf/PUL, 1987
- THOMPSON, J. B. - Critical Hermeneutics, Cambridge-Londres, Cambridge University Press, 1981
- TODOROV, T. - Théories du Symbole, Paris, Seuil, 1977
- "- Symbolisme et Interprétation, Paris, Seuil, 1978
- VATTIMO, G. - O Fim da Modernidade, trad. port., Lisboa, Ed. Presença, 1987
- "- As aventuras da Diferença, trad. port., Lisboa, Edições 70, 1988
- VON WRIGHT, G. H. - Explicación y comprensión, trad. esp., Madrid, Alianza Editorial, 1979

FILOSOFIA EM PORTUGAL

Docente: Dr. Aloísio Lobo

1. Para uma trajectória da problemática filosófica em Portugal: da Idade Média ao século XIX.

1.1. Linhas gerais de desenvolvimento do pensamento filosófico medieval: Teologia(s) e Filosofia; Ortodoxia(s) e Heterodoxias(s); Reflexão moral e política.

1.2. Aspectos filosóficos do Renascimento em Portugal; Aristotelismo e (Neo)Platonismo; Humanismo e Erasmismo; o "Experencialismo".

1.3. Introdução ao pensamento de Francisco Sanches: gnoseologia e antropologia.

1.4. Os "Conimbricenses" e a renovação da Escolástica.

1.5. Uriel da Costa: filosofia ou "paixão"?

1.6. O "Iluminismo Português"; Luís António Verney e Matias Aires: aproximações e contrastes.

2. Traços gerais da problemática filosófica em Portugal no séc. XIX.

2.1. Silvestre Pinheiro Ferreira: onto-gnoseologia e teoria política.

2.2. O "drama espiritual" de Antero de Quental e as suas componentes filosóficas.

2.3. Amorim Viana e Sampaio Bruno: do problema da "existência do mal" à "ideia de Deus".

2.4. O pantiteísmo de Cunha Seixas e a "teoria da evolução" de Domingos Tarroso.

2.5. Positivismo e Anti-positivismo.

2.6. Ressurgência do Tomismo.

3. António Sérgio e Leonardo Coimbra: tentativa de estudo comparado

3.1. O "idealismo racionalista" de António Sérgio e o "criacionismo" de Leonardo de Coimbra, "Kantismo ideal" e "anti-cousismo".

3.2. A recepção do bergsonismo em António Sérgio e Leonardo Coimbra e o seu significado filosófico.

3.3. O "Uno Unificante" sergiano e o "Irracional" leonardino.

4. O Problema da "Filosofia Portuguesa": José Marinho e Álvaro Ribeiro

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

A) "Dicionários", "Enciclopédias" e "Histórias da Filosofia"

ARRIAGA, José de - A Filosofia Portuguesa (1720-1820), Guimarães Editores, Lisboa, 1980

DEUSDADO, M.A. Ferreira e GOMES, Pinharanda - A Filosofia Tomista em Portugal, Lello e Irmãos, Porto, 1978

GOMES, Pinharanda - Dicionário de Filosofia Portuguesa, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1987

" - A Filosofia Hebraico-Portuguesa, Lello e Irmão, Porto, 1981

" - A Patrologia Lusitana, Lello e Irmão, Porto, 1983

" - Formas do Pensamento Filosófico em Portugal (1850-1950), Instituto Amaro da Costa, Lisboa, 1986

" - A Filosofia Árábigo-Portuguesa, Guimarães Editores, Lisboa, 1991

Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia, 5 vols., Verbo, Lisboa, 1989/92.

B) Bibliografia para o ponto 1. do Programa

AIRES, Matias - Reflexões sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a fortuna, I.N.C.M., 1980

ANDRADE, António alberto de - Vernei e a Filosofia Portuguesa, Livraria Cruz, Braga, 1946

" - Vernei e a Cultura do seu tempo, Universidade de Coimbra, 1965

BARRETO, Luís Filipe - Descobrimientos e Renascimento - Formas de Ser e Pensar nos séculos XV e XVI I.N.C.M., Lisboa, 1983

BARROS, João de - Rópica Pnefma, 2 vols., I.N.C.M., Lisboa, 1983

BRUNO, Sampaio - O Brasil Mental, Livraria Chardron, Porto, 1898

" - A Ideia de Deus, Livraria Chardron, Porto, 1902

DIAS, J.S. da Silva - Os Descobrimientos e a problemática cultural do século XVI, Editorial Presença, Lisboa, 1992

DUARTE, D. - Leal Conselheiro, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 1982

FERREIRA, Silvestre Pinheiro - Preleções Filosóficas, Universidade de S. Paulo/Grijalbo, S. Paulo, 1950

" - Ensaios Filosóficos, P.U.C./Editorial Documentário, Rio de Janeiro, 1979

GOMES, Pinharanda - Os Conimbricenses, I.C.A.L.P., Lisboa, 1992

HEBREU, LEÃO - Diálogos do Amor, Livraria Portugal, 2 vols., Lisboa, 1968/72

MARINHO, José - Verdade, Condição e Destino no Pensamento Português Contemporâneo, Lello e Irmão, Porto, 1976

O Livro da Corte Imperial, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1910

- PAIS, Álvaro - Estado e Pranto da Igreja, 3 vols., I.N.I.C., Lisboa, 1988/91
- PEDRO, Infante D. - O Livro da Virtuosa Benfeitoria, Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1946
- QUENTAL, Antero de - Tendências gerais da Filosofia na Segunda Metade do Século XIX, in Obras Completas, vol. II, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, Lisboa, 1991
- " Sonetos, Livraria Sá da Costa, 1984
- RIBEIRO, Álvaro - Os Positivistas, Livraria Popular Francisco Franco, Lisboa, 1951
- SANCHES, Francisco - Que nada se sabe, Vega, Lisboa, 1991
- SANTO ANTÓNIO DE LISBOA - Obras Completas, Lello & Irmão, Porto, 1982
- SEIXAS, J.M. da Cunha - O Pantiteísmo na Arte, Tipografia da Biblioteca Universal, Lisboa, 1883
- SILVA, Samuel da - Tratado da Imortalidade da Alma, I.N.C.M., Lisboa, 1982
- TARROZO, Domingos - Filosofia da Existência, Biblioteca do Norte, Ponte de Lima, 1881
- VERNEY, Luís António - Verdadeiro Método de Estudar, vol. III, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1950
- VIANA, Pedro Amorim - Defesa do Racionalismo ou Análise da Fé, I.N.C.M., Lisboa, 1982
- C) Bibliografia sobre o ponto 3. do Programa
- COIMBRA, Leonardo - Obras, 2 vols., Lello & Irmão, Porto, 1983
- SÉRGIO, António - Ensaios, 8 tomos, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1971/74
- " - Cartas de Problemática, Editorial Inquérito, Lisboa, 1952/55
- " - Um Problema Anteriano, Portugália, Lisboa, s/d
- D) Bibliografia sobre o ponto 4. do Programa
- GAMA, Manuel - O Movimento 57 na Cultura Portuguesa, I.C.A.L.P., Lisboa, 1991
- MARINHO, José - Estudos sobre o Pensamento Português Contemporâneo, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1981
- RIBEIRO, Álvaro - O Problema da Filosofia Portuguesa, Editorial Inquérito, Lisboa, 1943

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docentes: Dr^a Fernanda Figueira

Dr. Raul Cunha

Dr^a Olga Lima

Dr. Luís Antunes

I. Introdução

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo de certa forma, todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica do processo de ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos docentes para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem cientificamente a sua actividade.

Sem preterir a vertente pragmática, implícita no âmbito da teoria curricular, quer a nível da organização, quer do seu desenvolvimento, pareceu-nos conveniente reforçar a componente teórica. Tal orientação coloca-nos em sintonia com a linha do pensamento educativo segundo a qual o professor deve aliar a investigação e a reflexão à sua prática docente.

O professor carece de uma sólida base teórica que lhe permita investigar num campo - o da educação - onde permanecem black boxes plurais, cujo interior pode e deve ser pesquisado.

Este rumo implica sólido investimento na formação dos professores no campo curricular habilitando-os como construtores críticos do currículo, revelando a natureza problemática, complexa e situacional das decisões e práticas educativas.

II. Objectivos

- Desenvolver atitudes de reflexão e de investigação científica.
- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Adquirir os conhecimentos da teoria e desenvolvimento do currículo.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares e sua incidência na prática educativa.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas, nomeadamente à actual Reforma Curricular dos Ensinos Básico e Secundário.

III. Conteúdos Programáticos

A. AULAS TEÓRICAS

1. Análise sistémica da Educação.

- 1.1. Teoria Geral de Sistemas.
 - 1.1.1. Natureza e tipos de sistema.
 - 1.1.2. Paradigmas científicos
 - 1.1.3. Delimitações e características do Sistema Educativo.
- 1.2. Educação como sistema comunicacional.
 - 1.2.1. Teorias da comunicação.
 - 1.2.2. Modelos e componentes do sistema comunicacional.
 - 1.2.3. Modelos de comunicação educativa.
- 1.3. Educação como sistema tecnológico.
 - 1.3.1. Natureza da tecnologia educativa.
 - 1.3.2. Tecnologia como metodologia.
 - 1.3.3. Modelos didáticos.

2. Problemática conceptual do currículo.

2.1. Teoria do currículo.

- 2.1.1. Natureza e fontes do currículo.
- 2.1.2. Teorias curriculares.
- 2.1.3. Metateorias curriculares.
 - 2.1.3.1. Problemática teoria/prática curricular.
 - 2.1.3.2. Problemática Educação/Sociedade.
- 2.1.4. Códigos e tipos de currículo.
- 2.1.5. Modelos de organização curricular.

2.2. Desenvolvimento curricular.

- 2.2.1. Planificação curricular.
 - 2.2.1.1. Pressupostos e natureza.
 - 2.2.1.2. Níveis de decisão: política, institucional e docente.
 - 2.2.1.3. Projecto Educativo/ Projecto Curricular.
 - 2.2.1.4. Modelos de planificação de ensino.
- 2.2.2. Componentes.
 - 2.2.2.1. Objectivos
 - 2.2.2.1.1. Natureza e definição.
 - 2.2.2.1.2. Fontes e critérios de selecção.
 - 2.2.2.1.3. Operacionalização.
 - 2.2.2.2. Conteúdos
 - 2.2.2.2.1. Natureza epistemológica e vital.
 - 2.2.2.2.2. Critérios de selecção, estruturação e sequência.
 - 2.2.2.3. Estratégias
 - 2.2.2.3.1. Significado no desenvolvimento curricular.
 - 2.2.2.3.2. Natureza e âmbito.
 - 2.2.2.3.3. Critérios de selecção, estruturação e sequência.

- 2.2.2.4. Avaliação
- 2.2.2.4.1. Natureza e funções.
- 2.2.2.4.2. Modelos de avaliação.
- 2.2.2.4.3. Tipos de avaliação.
- 2.2.2.4.4. Instrumentos.

3. Desenvolvimento curricular e formação de professores

B. AULAS PRÁTICAS

1. Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE)

1.1. Conceitos subjacentes à lei de:

1.1.1. Educação.

1.1.2. Cidadão.

1.1.3. Sociedade.

1.2. Finalidades da lei e sua hierarquização.

1.2.1. No conjunto da lei.

1.2.2. Diferenciada segundo os níveis de ensino:

1.2.2.1. Básico.

1.2.2.2. Secundário.

1.3. Diferenças entre o Ensino Básico e o Ensino Secundário a nível da:

1.3.1. Diversificação curricular.

1.3.2. Educação compensatória e acompanhamento pedagógico dos alunos.

1.3.3. Utilização dos tempos extra-aula.

2. Análise sistémica do processo educativo português

3. Reforma do Sistema Educativo Português

3.1. Contexto da Reforma: fontes e determinantes.

3.2. Conceito(s) e filosofia de educação subjacentes à Reforma.

3.3. Conceito(s) de sucesso educativo.

3.4. Organização curricular:

3.4.1. Conceito de currículo e metateoria(s) emergente(s).

3.4.2. Objectivos curriculares e finalidades da LBSE.

3.4.3. Critérios orientadores da selecção e organização dos conteúdos.

3.4.4. Modelo(s) de ensino emergente(s).

3.4.5. Avaliação.

BIBLIOGRAFIA

APPLE, M. W. - Ideologia y Currículo, Madrid, Akal, 1986

- BALLANTI, G. - Modelli di Apprendimento e schemi di insegnamento, Teramo, Lisciani e Giunti, 1989
- CARDINET, J. - Pour apprécier le travail des élèves, 2^a ed., Paris, Éd. Universitaires, 1990
- CLOUTIER, J. - A Era de Emerrec ou a comunicação audio-scripto-visual na hora dos self-média, Lisboa, Instituto de Tecnologia Educativa, s/d.
- COLL, C. - Psicologia y Curriculum, Barcelona, Leia, 1987
- COMISSÃO DE REFORMA DO SISTEMA EDUCATIVO - Proposta global de reforma. Relatório final, Lisboa, Minsitério da Educação, 1988
- FERNANDES, Graça et al. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Gabinete de Estudos e Planeamento - Ministério da Educação, 1992
- FORQUIN, Jean-Claude - École et culture, Paris, Éd. Universitaires, 1989
- D'HAINAUT, L. - Educação. Dos fins aos objectivos, Coimbra, Almedina, 1980
- GIMENO SÁCRISTAN, J. - El curriculum: una reflexión sobre la práctica, Madrid, Ed. Morata, 1988
- GIMENO SÁCRISTAN, J.; PÉREZ GOMEZ, A. - Comprender y transformar la enseñanza, Madrid, Ed. Morata, 1992
- HILLS, J.J. - Teaching, learning and communication, Londres, Croom Helm, 1986
- KELLY, A.V. - O currículo: teoria e prática. S. Paulo, Habra, 1980
- KEMMIS, S. - El curriculum: más allá de la teoría de la reproducción, Madrid, Ed. Morata, 1988
- LANDSHEERE, V.; LANDSHEERE, G. - Definir os objectivos da educação, Lisboa, Morais, 1977
- LITTLEJOHN, S.W. - Fundamentos teóricos da comunicação humana, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982
- MARAGLIANO, R.; VERTECCHI, B. - La programmazione didattica, Roma, Riuniti, 1986
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO - Organização curricular e programs, Lisboa, Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário, 1991
- POCZTAR, J. - Analyse systémique de l'éducation: essai, Paris, E.S.F., 1989
- RIBEIRO, A.C. - Desenvolvimento curricular, Lisboa, Texto Editora, 1990
- RIBEIRO, L.C. - Avaliação da aprendizagem, 2^a ed., Lisboa, Texto Editora, 1990
- ROSALES, C. - Avaliar é reflectir sobre o ensino, Porto, Ed. Asa, 1992

ROWTREE, D. - Educational technology in curriculum development, 2^a ed., Londres, Harper & Row, 1986

SÁENZ, O. (dir.) - Organización escolar, Madrid, Ed. Anaya, 1985

STENHOUSE, L. - An introduction to curriculum research and development, London, H.E.B., 1981

TENBRINK, T. - Evaluation: a practical guide for teachers, New York, Mc Graw-Hill, 1984

TYLER, R. - Princípios básicos de currículo e ensino, 10^a ed., Rio de Janeiro, Ed. Globo, s/d.

UNESCO - O educador e a abordagem sistémica, Lisboa, Ed. Estampa, 1980

VÁRIOS - Del proyecto educativo a la programación de aula, Barcelona, Ed. Graó, 1992

ZABALZA, M. A. - Planificação e desenvolvimento curricular, Porto, Ed. Asa, 1992

NOTA. A bibliografia específica e documentação legal serão oportunamente fornecidas.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes: Prof. Doutor Leandro S. Almeida

Dr^a Fernanda Martins

Dr. Eurico Marques da Silva

Dr^a Fátima Morais

1. Objectivos gerais

- Apresentar e justificar a integração da Psicologia na formação de professores.
- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento.
- Identificar as principais características da adolescência.
- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa.
- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e suas implicações psicopedagógicas;
- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como componentes de um estudo global do adolescente em situação educativa.
- Aplicar os conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem, mais concretamente ao papel mediador do professor.

2. Conteúdo programático

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência experimental.
2. Correntes actuais da Psicologia.
3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educacionais.
2. Abordagem desenvolvimento psicológico até à puberdade.
3. Abordagem específica do desenvolvimento do Adolescente.
 - 3.1. Introdução à adolescência.
 - 3.1.1. Perspectiva histórica e antropológica.
 - 3.1.2. A Adolescência no ciclo de vida.

- 3.2. Dimensões do Desenvolvimento na Adolescência.
 - 3.2.1. Desenvolvimento físico e psico-sexual.
 - 3.2.2. Desenvolvimento cognitivo.
 - 3.2.3. Desenvolvimento interpessoal e moral.
 - 3.2.4. Desenvolvimento sócio-emocional.
 - 3.2.5. Desenvolvimento vocacional e identidade.
- 3.3. O normal e o patológico no desenvolvimento adolescente.
- 3.4. Desenvolvimento do jovem adulto.

III. Psicologia da Aprendizagem.

- 1. Definição e características da aprendizagem.
- 2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações educativas.
 - 2.1. Teorias Comportamentais.
 - 2.2. Teoria Humanistas.
 - 2.3. Teorias Cognitivas.
- 3. Programas de facilitação da aprendizagem.
 - 3.1. Programas de competência de estudo.
 - 3.2. Programas de treino de funções cognitivas.

IV. Conclusão

- 1. A aprendizagem e o desenvolvimento do adolescente.
 - 1.1. A interpenetração necessária de ambos os aspectos.
 - 1.2. A prática pedagógica na rentabilização de ambos os aspectos e o papel mediador do professor nessa rentabilização.

Nota: Refira-se que estes conteúdos são repartidos pelas aulas teóricas e práticas, sendo distribuídos no início do ano lectivo o sumário detalhado de cada uma dessas aulas, assim como os textos que aprofundam tais assuntos (textos de apoio).

METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA

Docente: Dr^a Maria Florinda Albergaria
Dr^a Maria Isabel Aguiar

Finalidades

No pressuposto de que saber e saber ensinar não são coincidentes e de que o uso pedagógico de um não saber não decorre espontaneamente da posse desse saber mas exige, a par de uma fundamentação teórica do acto de ensinar, aquisição de técnicas e processos metodológicos especializados, as finalidades que este programa se propõe atingir são:

- favorecer uma reflexão crítica sobre o acto pedagógico, na perspectiva da filosofia;
- propiciar a integração da informação científica pré-existente no quadro das exigências do ensino da Filosofia;
- estimular a aquisição das competências didácticas requeridas pelo ensino da Filosofia;
- suscitar a emergência de atitudes e competências no sentido da auto-formação futura.

Objectivos

Pretende-se que, no final do curso, o aluno seja capaz de:

- compreender o sentido e a importância do acto pedagógico;
- analisar criticamente o lugar e o papel do ensino da Filosofia no contexto curricular;
- consciencializar as potencialidades interdisciplinares da Filosofia;
- analisar a estrutura, finalidades e conteúdos dos programas, quaisquer que sejam;
- mobilizar os conhecimentos científicos de que dispõe, no quadro das exigências programáticas;
- explicitar as metodologias de ensino mais adequadas à aprendizagem da Filosofia;
- analisar as estratégias e as técnicas utilizáveis no ensino da Filosofia;
- reconhecer a importância da avaliação para o ajustamento da prática pedagógica.

Esquema programático:

I. Introdução

A relação pedagógica e os seus elementos: perspectiva psicológica, sociológica e institucional.

II. Didáctica da Filosofia e sua especificidade.

1. A Filosofia no curriculum do ensino secundário.

- 1.1. Fundamentos do ensino da Filosofia.
- 1.2. Problemas do ensino da Filosofia: formação e informação.
- 1.3. Relação da Filosofia com as outras disciplinas.
- 1.4. Programas de Filosofia.
 - 1.4.1. Referência à sua evolução no contexto do Sistema Educativo.
 - 1.4.2. Análise estrutural e crítica dos programas mais recentes.
- 1.5. Finalidades e objectivos.

2. Os instrumentos didácticos em Filosofia.

2.1. Planificação didáctica: a articulação de objectivos, conteúdos e estratégias.

2.2. Execução didáctica.

2.2.1. Métodos filosóficos e métodos pedagógicos.

2.2.2. O diálogo em Filosofia.

2.2.3. Estratégias didácticas: a lição, o trabalho de texto, o trabalho de grupo, o trabalho dirigido, os audio-visuais.

2.2.4. Meios auxiliares da didáctica da Filosofia.

2.3. Avaliação: princípios fundamentais e especificidade da avaliação em Filosofia.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Beatriz R. - Filosofia, Pedagogia e Didáctica I e II, Coimbra, Ed. do Autor, 1984 e 1988

CAMPOMANES, César Tejedor - Didáctica de la Filosofia. Perspectivas y Materiales. Ed. S.M., Madrid, 1984

CORTESÃO, Luísa - Avaliação Pedagógica II, Porto, Porto Editora, s/d.

DUARTE, Manuel D. - Objectivos, Estratégias e Avaliação no Secundário. O Exemplo da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte 1982

ENTONADO, Florentino B. e outros - Didáctica General, Madrid, Anaya, 1983

- FEY, Eduardo - O ensino da Filosofia, Separata "Brotéria", vol. 107,
1978
- GILOT, Fernando - Do Ensino da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte,
1976
- IZUZQUIZA, Ignacio - La Clase de Filosofía como Simulación de la
Actividad Filosófica, Madrid, Anaya, 1982
- NEVES, Eduíno; GRAÇA, Marina - Princípios Básicos de Prática
Pedagógico-Didáctica, Porto, Porto Editora, 1987
- POSTIC, Marcel - A Relação Pedagógica, Coimbra, Coimbra Editora,
1984
- SANTIUSTE, Victor; VELASCO, Francisco G. de - Didáctica de la
Filosofía, Madrid, Narcea 1984
- SANTOS, Delfim - Da Filosofia, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- VÁRIOS - États Généraux de la Philosophie, Paris, Flammarion, 1979
- "- GREPH - Qui a peur de la Philosophie?, Paris, Flammarion, 1977

1. The first step in the process of identifying a problem is to define the problem. This involves identifying the symptoms and the underlying causes of the problem.

2. The second step is to gather information about the problem. This involves collecting data and identifying the stakeholders who are affected by the problem.

3. The third step is to analyze the information. This involves identifying the key issues and the potential solutions to the problem.

4. The fourth step is to develop a plan of action. This involves identifying the specific steps that need to be taken to solve the problem.

5. The fifth step is to implement the plan. This involves putting the plan into action and monitoring the progress.

6. The sixth step is to evaluate the results. This involves assessing the effectiveness of the plan and making adjustments as needed.

7. The seventh step is to communicate the results. This involves sharing the findings with the stakeholders and providing feedback.

8. The eighth step is to document the process. This involves recording the steps that were taken and the results that were achieved.

9. The ninth step is to review the process. This involves reflecting on the experience and identifying lessons learned.

10. The tenth step is to apply the lessons learned. This involves using the insights gained from the process to improve future problem-solving efforts.

OPÇÕES

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Docente: Prof. Doutor Adalberto Dias de Carvalho

Programa

1. A situação da filosofia da educação no âmbito da filosofia: autonomia e subsidiariedade das problemáticas antropológicas, epistemológicas, éticas e ontológicas de natureza educativa.
2. Da antropologia pedagógica à antropologia filosófica: uma aproximação crítica.
 - 2.1. Educabilidade, perfectibilidade e defectibilidade do ser humano: plenitude antropológica e carência ontológica.
 - 2.2. Educação, natureza e condição humana.
 - 2.3. Educação, natureza e cultura: naturalismo, culturalismo e pedagogismo.
3. A dimensão axiológica da educação: o olhar da ética.
 - 3.1. Valores e finalidades educativas: modelos pedagógicos e quadros axiológicos
 - 3.2. Relação pedagógica e relação ética.
4. Educação e relação comunicacional.
 - 4.1. Conexões alocutivas, delocutivas e interlocutivas em situação educativa.
 - 4.2. A linguagem pedagógica e as reemergências do senso comum: a dialéctica do opinável e do verosímil.
5. O estatuto da filosofia da educação no contexto das ciências da educação: uma abordagem epistemológica.
 - 5.1. Ciências da educação e ciências sociais e humanas: a superação do positivismo e os novos paradigmas de cientificidade.
 - 5.2. Intradisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: a problemática da unidade complexa dos fenómenos educativos.
 - 5.3. A pedagogia da complexidade.

6. História da filosofia e história de educação: identificação e caracterização de alguns contributos fundamentais para a compreensão da contemporaneidade educativa.

6.1. Educação e utopia.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BERNARD, Michel - Critique des Fondements de l'Éducation, Paris, Chiron, 1989
- BOUTINET, Jean-Pierre - Anthropologie du Projet, Paris, PUF, 1990
- CARVALHO, Adalberto Dias - Epistemologia das Ciências da Educação, Porto, Afrontamento, 1988
- " - A Educação como Projecto Antropológico, Porto, Afrontamento, 1992
- " - Utopia e Educação, Porto, Porto Editora, 1994
- " (org.) - A Construção do Projecto de Escola, Porto, Porto Editora, 1993
- FULLAT, Octavi - Filosofías de la Educación, Barcelona, Ceac, 1978
- HUMANN, Bruno - Antropología Pedagógica, Barcelona, Vicens, 1992
- PATRÍCIO, Manuel - Lições de Axiologia Educacional, Lisboa, Univ. Aberta, 1993
- PETERS, R.S. (ed.) - The Philosophy of Education, Oxford University Press, 1980
- ULMANN, Jacques - La Pensée Éducative Contemporaine, Paris, Vrin, 1982
- VÁRIOS - Filosofía de La Educación Hoy, Madrid, Dykins, 1991

ÍNDICE

Filosofia Contemporânea (diurno)	1
Filosofia Contemporânea (nocturno)	3
Axiologia e Ética	5
Hermenêutica do Texto Filosófico	12
Filosofia em Portugal	15
Organização e Desenvolvimento Curricular	18
Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem	23
Metodologia do Ensino em Filosofia	25

Opção

Filosofia da Educação	1
---------------------------------	---

SECRET

SECRET



SECRET